

Entrevista CRISTOVÃO TEZZA

“Não quero que alguém escreva por mim, e muito menos uma máquina”

Rogério Borges
rogerio.borges@opopular.com.br

Cristovão Tezza é um daqueles autores que parecem pinçar algum nervo que nos causa reações com a leitura de seus livros. É assim com *O Filho Eterno*, uma de suas obras mais conhecidas e na qual retrata os desafios enfrentados por seu filho com Síndrome de Down, e agora mais uma vez com *Visita ao Pai*, em que resgata a correspondência da figura paterna que ele perdeu precocemente aos 6 anos de idade, após um acidente. Um livro após o outro — e já são mais de duas dezenas deles, entre ficção, memórias, crônicas e até crítica literária, produção que advém de sua carreira de professor universitário —, ele vai consolidando seu espaço na literatura brasileira contemporânea, tomando para seu trabalho questões atuais, como as crises nacionais e até mesmo a pandemia, pano de fundo da obra *Beatriz e o Poeta*. Tezza é um dos participantes da programação do 7º Encontro Nacional de Escritores, realizado em Goiânia, numa mesa-redonda sobre literatura e o diálogo entre culturas, que será realizada nesta sexta-feira (29), às 16 horas, no Sesc Cidadania, no Jardim América. Nesta entrevista exclusiva ao POPULAR, o autor comenta sobre sua criação literária, como vê o futuro da literatura, fala dos desafios de abordar temas pessoais e afirma que o livro jamais vai acabar.

Você participará de uma mesa-redonda que vai debater os diálogos entre literatura e diferentes culturas. Como você avalia que essa posição de mediação, de descoberta, de possibilidades que a literatura costuma ocupar tem se mostrado atualmente, num mundo cada vez mais veloz e no qual a efemeridade parece imperar?

A literatura é uma arte de lenta maturação e sedimentação, mas sempre acaba por absorver o espírito do tempo e responder a ele, mesmo quando o escritor não pensa nisso. Mudanças culturais profundas, como as que estão acontecendo com a revolução digital, mudam também os temas, os sentidos e as formas da literatura. O tempo acaba por depurar e separar o que é simples modismo (ainda que modas não sejam exatamente “simples”), da linguagem que responde com mais densidade o que estamos vivendo. E não existe, na verdade nunca existiu, uma literatura só; há muitos modos e linguagens para responder ao tempo. Pessoalmente, isso nunca me preocupou. Entendo a literatura como um espaço substancial do indivíduo, uma voz intransferível. Entendo o ato de escrever como a aventura de uma linguagem que absorve todas as linguagens em torno sem se confundir com nenhuma delas. Para fazer sentido, o escritor deve dizer aquilo que só ele pode dizer; descobrir a própria voz, e, por meio dela, chegar aos outros.

Tenho perguntado a alguns escritores e algumas escritoras se acham que a literatura em

particular, mas a cultura letrada em geral, tem perdido relevância, com a ascensão cada vez mais rápida e potente do audiovisual e seus produtos. Qual é sua opinião a esse respeito?

São várias questões a considerar e a primeira é puramente comercial e estatística: a literatura está vendendo mais, em títulos e tiragem? Não sei dizer; parece que sim. Há muitas variáveis objetivas: a presença ativa das escolas e faculdades, a venda pela internet, o crepúsculo das livrarias físicas, o número de editoras, as tiragens, o espaço do livro nas mídias tradicionais e nas redes sociais, o número de leitores, etc. Ficando no mundo da pura impressão pessoal de alguém que já tem meio século de estrada na literatura, eu diria que nos últimos 10 ou 20 anos houve uma mudança radical no espaço social da literatura, com repercussões tectônicas, por assim dizer. A migração do jornalismo de papel para os portais da internet representou em pouquíssimo tempo a implosão de um filtro centralizador de divulgação e prestígio que vinha sólido e firme já desde o século 19, com a revolução industrial e a urbanização moderna. Esse modelo acabou, seguindo a fragmentação global da transmissão de informação contemporânea, a partir da sofisticação tecnológica do celular. É um processo que não tem nem 20 anos de história e que mudou tudo. A pergunta é boa: e o velho e bom livro, como fica nesta, digamos, hecatombe? Bem, como objeto, ele já foi rapidamente assimilado na forma digital e também como au-



Guilherme Pupo/Divulgação

diolivre, cujo consumo vem crescendo. Ao mesmo tempo, o objeto de papel é sempre prático, bonito, irresistível, transportável: não vai desaparecer nunca. De fato, como oferta do livro, estamos dentro da biblioteca universal sonhada na ficção de Borges — podemos ler praticamente tudo, em qualquer língua, no mundo inteiro, em qualquer momento: está tudo na rede. Isso posto, é preciso lembrar que literatura madura e adulta não é uma arte ingênua: ela exige repertório e capital cultural. É aqui que está o futuro da literatura; não em algum modelo tecnocrático. O país que não cuidar do mais amplo e diversificado repertório cultural de suas crianças de 5 a 16 anos estará perdido neste admirável (e também assustador) mundo novo tecnológico que já está diante de nós.

Você é escritor e foi professor universitário durante alguns anos, antes de se dedicar totalmente à literatura. Antes havia uma preocupação mais acentuada quanto a plágios. Hoje o debate foi deslocado para a Inteligência Artificial. Qual é sua opinião a respeito dessa nova realidade tecnológica?

É uma questão fundamental, e não só pelo perigo dos plágios. A inteligência artificial praticamente tornou obsoletas centenas de profissões humanas, uma fratura que tende a aumentar exponencialmente. A coisa é muito nova; eu ainda não pensei

muito a respeito. Mas, até aqui, eu diria que não tenho medo do fim da literatura; ela pode ser, na verdade, um antídoto importantíssimo ao mundo da IA. É verdade que se você lê apenas para saber coisas ou se distrair, a IA resolve melhor do que qualquer um é capaz de fazer. Mas se você lê para conhecer pessoas, descobrir e partilhar visões de mundo diferentes, escutar vozes singulares, estimular as dúvidas, mergulhar em labirintos éticos, a literatura é insubstituível. Aliás, para quem escreve a questão chega a ser irrelevante: não quero que alguém escreva por mim, e muito menos uma máquina. O meu território é intransferível.

Seu livro mais recente é *Visita ao Pai*, em que aborda afetos e questões delicadas, elementos presentes nas relações familiares, mas sempre de formas muito particulares. Como foi para você vislumbrar a figura paterna por outros ângulos?

No projeto do *Visita ao Pai*, eu me vi diante de dois problemas, um afetivo, outro literário. O literário era descobrir o que fazer com os 24 cadernos de correspondência em que ele anotou, com uma obsessão quase cartorária, todas as cartas que escreveu entre 1931 e 1959, quando morreu de acidente, aos 48 anos. Um romance histórico tradicional? Um livro ficcional de memórias? Uma reflexão? Durante três anos me debrucei sobre as cartas, e o livro acabou sendo uma história sobre a história do meu pai, uma narrativa em que eu me incluo, como filho e leitor. E há também um espelhamento histórico, entre a geração dos anos 1930, a dele, e a minha, dos anos 1970 — fui redescobrir um Brasil particular nessa viagem. O outro problema era estritamente pessoal: meu pai morreu quando eu tinha 6 anos, e tenho pouca memória afetiva dele, e não muito generosa. Nesse sentido, o fato de eu não ter convivido mais com ele

me ajudou a escrever. Na literatura, a distância é sempre boa conselheira. É também um livro de descobertas de segredos familiares. Era um livro que eu precisava escrever, certamente o mais difícil da minha vida.

Em um de seus livros mais conhecidos, *O Filho Eterno*, você trabalha os desafios de ser o pai de uma criança com Síndrome de Down e os aprendizados únicos que advêm com as situações cotidianas enfrentadas nessa jornada. Ali era o pai falando, agora é o filho falando, mas ambos são você. Há dois Cristovãos que se completam, de alguma forma, nessas duas obras? Podemos dizer que ambas, num conjunto, falam dos diferentes papéis que assumimos em nossa existência, única e múltipla?

Não pensei nisso, mas acho que faz todo o sentido. São meus dois únicos livros escancaradamente autobiográficos, escritos ambos com uma boa distância de seu tema. Eles tratam dos dois acontecimentos mais marcantes da minha vida, que provocaram mudanças profundas, práticas e psicológicas — a morte do meu pai, em 1959, e o nascimento do meu filho, em 1980. Foi o modo que encontrei para rever a minha própria formação e dar algum sentido ao que vivi.

Você também tem um livro que fala da pandemia, *Beatriz e o Poeta*, no qual insere elementos terríveis que vivemos naquele período, como as mortes às centenas de milhares, o negacionismo, o isolamento. Como foi escrever aquele livro e de que forma você acredita que o Brasil trata o tema hoje?

O período da pandemia, e a resposta brutal que o país oficial deu a ela, estimulando a morte de milhares de pessoas pelo desprezo à ciência e à vacina, num culto da estupidez e da ignorância como eu jamais havia visto na política brasileira, representou uma fratura coletiva que não pode ser esquecida. Em *Beatriz e o Poeta* o tema entrou no romance quase que a quente. O livro fecha uma trilogia informal em que a história brasileira imediata aparece viva como pano de fundo da ficção. O primeiro foi *A Tirania do Amor*, no período Temer; em *A Tensão Superficial do Tempo*, a turbulência do início do governo Bolsonaro. E *Beatriz e o Poeta* tem como pano de fundo a pandemia. Essa presença da política brasileira nos meus livros mais recentes foi mais ou menos instintiva, já desde *O Fotógrafo*, de 2004. Aparece também em *O Professor e a Tradutora*. Não foi algo pensado objetivamente; foi acontecendo na minha escrita. Mas é bom lembrar que o cenário político nesses livros é apenas pano de fundo romanesco, toques da vida concreta que indiretamente afetam os personagens. O foco literário de fato está sempre nas pessoas.

Você já está trabalhando em algum novo projeto? Pode adiantar algo para a gente?

Comecei um novo romance, para abrir uma nova página emocional na minha vida depois do mergulho familiar de três anos com o *Visita ao Pai*. Estou gostando desta viagem.

“

O objeto de papel é sempre prático, bonito, irresistível, transportável: não vai desaparecer nunca”